

GRIÔS: A SABEDORIA DOS VELHOS AFRICANOS NA CIDADE DE LENÇÓIS/BA

Marco Antonio Leandro Barzano¹

RESUMO: Este trabalho analisa as práticas pedagógicas da Organização Não Governamental (ONG) Grãos de Luz e Griô, localizada na cidade de Lençóis, no estado da Bahia. Esta instituição desenvolve atividades com crianças, adolescentes e jovens, cuja centralidade temática nos últimos anos tem sido a cultura africana. A figura do velho griô, o contador de histórias do noroeste da África, foi a inspiração para a abordagem dos temas desenvolvidos em suas oficinas e cooperativas. Neste texto, aponto alguns resultados da pesquisa que desenvolvi no doutorado, ressaltando que a ONG inventa um griô para a cidade de Lençóis, com a intenção de que este personagem contribua tanto para a inserção da tradição oral na abordagem das práticas pedagógicas, quanto na invenção de uma pedagogia que é nomeada de Pedagogia Griô.

PALAVRAS-CHAVE: Griôs. Tradição Oral. Performatividade. Lençóis. ONG.

ABSTRACT: This paper examines the pedagogical practices of the Non-Governmental Organization (NGO) Grãos de Luz e Griô, located in Lençóis in the state of Bahia. This institution carries out activities with children, adolescents and young people, whose central theme in recent years has been the African culture. The figure of the old griot, the storyteller of northwest Africa, was the inspiration for the approach of the themes developed in their workshops and cooperatives. In this paper, I discuss some results of research development in graduate school, noting that the NGO invents a griot for the city of Lençóis, with the intention that this character contributes both to the inclusion of oral tradition in the approach of teaching practices, as the invention a pedagogy that is named Pedagogy Griô.

KEYWORDS: Griots. Oral Tradition. Performativity. Lençóis. NGO.

¹ Doutor em Educação, professor do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Universidade Estadual de Feira de Santana – (UFBA/UEFS).

Primeiras palavras: introduzindo a questão

Interessado em pesquisar como se estabelece a prática pedagógica em um contexto de educação não-formal, iniciei uma pesquisa na ONG Grãos de Luz e Griô, situada na cidade de Lençóis, Chapada Diamantina, no estado da Bahia. Essa ONG apresenta uma proposta educativa que possibilita às crianças, adolescentes e jovens que atuam neste espaço, nas oficinas e cooperativas, entrarem em contato com saberes da cultura, da tradição ancestral, da identidade.

Anuncio, desde já, que as estratégias metodológicas elaboradas para a realização da pesquisa aconteceram à medida que a própria investigação se desenvolvia. A princípio, os artefatos que eu dispunha eram constituídos de vídeos e relatórios e, a partir deles, percebi que não eram suficientes para a realização do trabalho investigativo. Diante disto, fui a Lençóis, entrevistar professores e alunos e observar as práticas pedagógicas da ONG.

Minha opção por uma variedade de artefatos teve como objetivo, em primeiro lugar, diversificar as possibilidades metodológicas, como proposto no texto *Descaminhos*, de Maria Isabel Bujes (2002) que, a partir de inspirações foucaultinas, me ensinou que é necessário seguir um descaminho, escapar daquilo que já é conhecido. Essa opção deveu-se, em segundo lugar, em desenvolver a pesquisa em uma perspectiva pós-estruturalista, situada no campo dos Estudos Culturais.

Em visita à cidade para a realização da pesquisa, conheci uma Lençóis, que não era marcada apenas por ser o portal do Parque Nacional da Chapada Diamantina, com uma história relacionada ao garimpo de diamantes; à exuberância de uma rica biodiversidade e, nos últimos anos, por receber a visita de turistas do Brasil e exterior à procura de um “turismo ecológico”, motivados pela idéia midiática de que a cidade possui uma beleza paisagística caracterizada por suas matas e cachoeiras. Fui tomado pelo estranhamento quando visitei a exposição *Griô, a tradição viva*, no Mercado Cultural de Lençóis, que continha os materiais produzidos pelos alunos da Grãos de Luz e Griô. Considerei que estava diante de um rico acervo para a pesquisa porque ali estavam expostos nos objetos, um conjunto simbólico dos produtos que remetiam à africanidade.

Desestabilidade. Invisibilidade. Visitar uma cidade que representa o eixo da Chapada Diamantina, o que se espera tão visivelmente exposto? Fotografias de árvores, animais e cachoeiras? Exposição de diamantes e

objetos utilizados no garimpo? Não! Estandartes de orixás. Quadros pintados com figuras de pessoas negras. Materiais de papel reciclado com desenhos da cultura local, todos confeccionados pelos alunos da ONG Grãos de Luz e Griô e que estavam expostos como culminância dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas e cooperativas, mas que para mim, trazia um outro significado: o de mostrar as características daquela cidade e que muitas vezes encontravam-se rasuradas ou até mesmo apagadas.

A escrita do presente texto está organizada em três seções: na primeira, apresento uma abordagem acerca dos velhos griôs africanos, ressaltando suas características e de que maneira a ONG Grãos de Luz e Griô se inspirou nestes velhos e construiu uma pedagogia.

No segundo momento, focalizo a proposta da ONG em optar pela tradição oral africana, como possibilidade de trabalho pedagógico. Para finalizar, aponto a performatividade do griô como uma invenção pedagógica produzida pela ONG.

Velhos griôs africanos

No noroeste da África, na região do Mali, ainda hoje vivem velhos que percorrem aldeias, contando histórias, cantando músicas, declamando poesias ou até mesmo mediando desavenças entre as grandes famílias e são chamados de *griots*. São trovadores ou menestréis, grandes sábios, que transmitem sabedoria da tradição oral.

A fim de alcançar tal objetivo, a ONG se inspirou nos velhos griôs do noroeste africano, na região do Mali, que caminham pelas aldeias contando histórias da tradição oral.

São trovadores ou menestréis, grandes sábios, que transmitem sabedoria e se classificam em três categorias: músicos, embaixadores e genealogistas ou historiadores. Um dos maiores difusores de conhecimentos sobre os griôs foi o historiador africano Amadou Hampaté Bâ. Para este autor, (Hampaté Bâ, 1982, p. 202), os griôs se classificam em três categorias:

- Músicos: que tocam qualquer instrumento (monocórdio, guitarra, cora, tantã etc.) e, geralmente, são grandes cantores, que compõem, preservam e transmitem a música antiga.
- Embaixadores e Cortesãos: que são responsáveis por mediar as possíveis desavenças que ocorrem entre famílias. Eles estão sempre ligados a uma família nobre ou real. Também são encarregados

de algumas funções, como, por exemplo, fazer união matrimonial: quando um jovem nobre necessita revelar seu amor a uma jovem nobre, ele solicitará a um griô para que este se encarregue de ser o porta-voz do seu sentimento.

- Genealogistas, historiadores ou poetas (que podem ser os três ao mesmo tempo): são os contadores de histórias, viajantes e não estão, necessariamente, ligados a uma família.

Os griôs recebem da tradição africana, um *status* social especial, com liberdade para falar e se manifestar. Muitas vezes, podem contar até mentiras, que serão aceitas com naturalidade. Existem, também, os griôs-reis ou tradicionalistas-doma, que possuem características semelhantes aos nobres em relação à coragem, moralidade, virtudes e sabedorias. Ao contrário dos dielis, suas histórias são divertidas, mas sempre são integralmente verdadeiras. É comum as pessoas perguntarem antes de um griô iniciar a contação de uma história se ela é de um dieli ou de um doma, pois se for do primeiro, permite-se que haja algumas invenções, já que com os domas isto não é possível.

Devido a essas características e aproximação aos nobres, os griôs são dotados de considerável inteligência, desempenhando papel de grande importância na sociedade tradicional, sendo agentes ativos do comércio e da cultura humana. Atualmente, ainda suscitam e estimulam o orgulho do clã da nobreza, entoando suas canções, com o propósito de ganhar presentes, mas, muitas vezes, para encorajá-los a enfrentar alguma situação difícil.

Nas grandes batalhas da história, os griôs estavam sempre presentes, ao lado de seus mestres, estimulando-os para o enfrentamento. Uma de suas táticas era a de relembrar-lhes a genealogia e os grandes feitos dos antepassados, pois aí reside um grande poder para o africano: o de ouvir a invocação do nome de sua família.

O fato de serem importantes guardiões da memória africana faz com que os griôs tenham grande poder de influência sobre os nobres e o segredo dessa influência reside no fato de eles possuírem o conhecimento da genealogia e da história das famílias, chegando ao ponto, muitas vezes, disso se transformar em uma especialização. Esse tipo de griô geralmente não está ligado a alguma família e, por essa razão, é um viajante que percorre o país em busca de informações históricas.

Toda a pesquisa histórica feita pelo griô é apropriada por ele, de modo que ela fique impregnada em seu corpo, o que faz com que na hora de contá-la para o público, todos os sentidos do contador passam a ser aguçados e todo o corpo passa a transmitir o conto não apenas pelo fato de ser verbalizado, daquilo que sai oralmente, mas pela comunicação corporal que acontece nos gestos dos membros, na expressão corporal, no ritmo e entonação da voz, ou seja, há o estabelecimento de uma performance, como ocorre em uma cena teatral.

A partir das observações realizadas nas práticas pedagógicas, constatei que há uma conexão entre a oralidade e performance para que o griô dê vida, oferecendo um alto grau de importância para aquilo que está sendo contado, já que na tradição africana o ato da fala é considerado como algo sagrado. Para um contador de histórias, como um griô, a voz é um elemento de grande importância devido à relevância da oralidade. No entanto, para que o conto tenha maior ênfase, buscando atrair maior atenção do público, de uma forma mais subjetiva, alcançando sensibilidade, humor, tristeza etc, outros elementos são necessários para subsidiarem a voz, tais como: a indumentária, o instrumento musical e os acessórios.

Para utilizar o termo performance, Paul Zumthor, poeta, romancista, estudioso das poéticas da voz, a define como uma ação complexa em que uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida, aqui e agora. Ela é, também, uma instância de simbolização entre corpo e voz e, seguindo este autor, essa integração pode ser resumida naquilo que ele considera que é pelo corpo que somos tempo e lugar e a voz passa a ser a emanção do que somos.

O griô africano conta suas histórias, muitas vezes, não só narrando-as, mas principalmente, declamando poesias em forma musicada, utilizando a performance, incrementando seu repertório para a satisfação do público ouvinte que reconhece nesse contador de histórias um carregador de memórias. Nesse caso, é importante destacar que à medida que a história é contada, ela pode ser interpretada de diversas maneiras pelos ouvintes, já que um conto nunca é contado da mesma maneira mais de uma vez, pois a mesma performance é vivida de forma diferente para cada pessoa.

Dentre diversas atividades desenvolvidas pelos griôs, na cidade de Lençóis, tanto nas caminhadas pelas comunidades, nas oficinas e cooperativas da sede da ONG ou nas escolas, há um trabalho pedagógico que ganha mais força, que é o do griô com a música: assim como na África, até

mesmo para se contar uma história, os griôs contam-nas em forma musicada, utilizando diferentes instrumentos de percussão.

Desse modo, há uma maneira específica de a música ser abordada, que é pela tradição africana, inspirada nos velhos griôs, em que o foco é a cultura local e isto se diferencia de alguns grupos musicais majoritariamente representados por afrodescendentes, que possuem sua marca na música engajada, naquela que procura recuperar a imagem positiva do negro e para isto utilizam algumas táticas como, por exemplo, a composição de letras em que a África ganha centralidade, mostrando a valorização da raça negra e isto ocorreu, principalmente, a partir da década de 1970, com os blocos afro no estado da Bahia e que constatei em minha investigação.

Mesmo que a ONG também utilize a música em suas práticas pedagógicas com o objetivo de valorização do negro, a instituição não recorre às letras de músicas dos grupos afro de Salvador, mas fazem um levantamento da cultura local e aprendem as músicas cantadas pelos velhos da cidade e que geralmente são cantigas entoadas por estas pessoas no momento do trabalho com a agricultura, quando estes “pisam” o milho, a mandioca no pilão, por exemplo.

Observei que além destas músicas/cantigas “do campo” os alunos também produziam suas próprias canções, aprendiam com os velhos a tocar vários instrumentos. Dois outros aspectos me chamaram a atenção quando entrevistei os alunos: o primeiro foi o fato de eles afirmarem que gostaram de aprender as canções entoadas pelos velhos das comunidades de Lençóis e o outro foi o destaque dado ao *hip hop*, que foi estimulado pelos coordenadores da ONG.

Na observação da oficina de música, percebi mais nitidamente esses dois momentos musicais marcados por duas gerações: a dos velhos e dos jovens. Marcados, também, por diferentes estilos que são marginalizados pela sociedade. O primeiro por valorizar a música do campo, da cultura popular e o segundo por ser associado à classe popular onde, geralmente, estão inseridos os negros e pessoas de baixa renda.

Stuart Hall (2003), ao discutir sobre o negro na cultura negra, lembra-nos que a vida cultural, sobretudo no Ocidente e em outras partes, tem sido transformada em nossa época pelas vozes das margens. As estratégias pedagógicas utilizadas pela ONG fizeram-me perceber que ela conseguiu recuperar a valorização do “popular”, ou seja, fazer com que os alunos compreendam o significado do popular e escapem do preconceito, geral-

mente a ele associado.

Inserida na cultura, a marginalidade, ainda que esteja localizada no campo periférico, tem sido produtiva, muito mais que há algumas décadas e isto não quer dizer que seja uma abertura dos espaços dominantes, mas, o resultado de políticas culturais que têm a centralidade na diferença, na produção de novas identidades e aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural e isso tem levado a uma distinção entre o erudito e popular (HALL, *idem*).

Encontrei pistas que indicam que a marginalidade ganhou intensidade de poder quando as músicas populares expressas pelas memórias e tradições das comunidades rurais de Lençóis, que remetem à ancestralidade, ao trabalho no campo, à cultura local, passaram a ser divulgadas em diversas ocasiões em que os grupos musicais se apresentavam nas festas da cidade e na circunvizinhança e isto contribuiu, também, para a transmissão aos jovens da cidade que desconheciam este estilo musical e puderam aprender com os mais velhos.

O que Stuart Hall (*ibidem*) nos chama a atenção é que esta visibilidade da cultura popular passou a ser a forma dominante da cultura global e com isto ela ganha poder porque fará parte da mercantilização, fazendo com que ela se insira nos circuitos de uma tecnologia dominante, que são os circuitos do poder e do capital.

Na próxima seção, abordarei uma dobra desta visibilidade dentro das relações de poder e mercado, descrevendo como esta tradição oral ganha força nas práticas pedagógicas da ONG. Dessa maneira, a ONG consegue se inserir tanto nas práticas pedagógicas da própria instituição como no currículo das escolas da cidade de Lençóis, a partir do momento em que os professores da rede municipal participaram dos cursos oferecidos a estes profissionais.

Tradição Oral Africana: uma possibilidade de trabalho pedagógico

Vivemos tão acostumados com a cultura da palavra escrita, esteja no papel, na tela do computador, na legenda da tela de cinema que, muitas vezes, fica difícil compreender algumas sociedades que há pouco tempo utilizavam somente a palavra oral para se comunicarem. Mesmo que essa maneira de comunicação esteja em menor proporção em muitas sociedades, na África, e em especial na região do noroeste, há uma grande valori-

zação da tradição oral, e esta encontra nos griôs um de seus mais notáveis expoentes para possibilitar a invenção de como a transmissão de conhecimentos deve ser passada às pessoas.

Na África, mesmo com o advento, prestígio e valorização que a escrita ganhou no mundo moderno e contemporâneo, a oralidade tem resistido e conseguido seu lugar de importância e isso se deve, principalmente, ao papel que os contadores de histórias – griôs – têm desempenhado, na transmissão de saberes, na recuperação das narrativas, que contribuem para a desmistificação entre a dicotomia escrita-oralidade e permite que se perceba o valor da interação face a face com o ouvinte, da sua performance, seus gestos, seu olhar, sua expressão corporal que são características da tradição oral que a cultura escrita apaga. Os griôs assumem o papel de figuras como “memória viva”, sendo os interlocutores de uma cosmovisão negro-africana, dedicando à oralidade o seu aspecto principal.

Ao lidar com os artefatos produzidos, identifiquei que, para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, principalmente relacionadas diretamente com os velhos, que são os griôs de Lençóis, a Grãos de Luz e Griô se inspirou não apenas no personagem africano, mas procurou assumir a metodologia da tradição oral, aquela que se caracteriza pelo anonimato da autoria; pela importância do velho como responsável pelo conto; por considerar a palavra falada o veículo de divulgação, que ultrapassa os limites das fronteiras geográficas, culturais ou lingüísticas.

Na África, que possui países, cidades, nações que valorizam a tradição oral, a fala não é apenas um meio de comunicação diária, mas, principalmente uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade. No continente africano, nada substitui a potência da palavra, e por essa razão, o binômio força vital/palavra é o elemento primordial da personalidade da sociedade, desdobrando-se desde as instâncias mais abstratas até as práticas sociais.

Voltando a abordar a oralidade, a palavra dita, muitas vezes, transmite aquilo que foi herdado dos ancestrais ou pessoas idosas, pois na África tradicional, a herança ancestral é muito valorizada. Desse modo, a tradição oral passa a ser uma grande escola da vida, anunciada pelos chamados *tradicionalistas*, aqueles que são considerados os mestres, grandes testemunhas da memória viva da África. No idioma bambara, são conhecidos de *Doma* ou *Soma*, os “Conhecedores” ou *Donikeba*, os “fazedores de conhecimento”. São mestres que possuem conhecimento tradicional específi-

co, como ferreiros, tecelões, caçadores, pescadores ou possuem um conhecimento total em todos os seus aspectos.

Há uma advertência que Hampaté Bâ (1982, p. 187) faz e que considero importante destacar, pois no pensamento ocidental é muito comum de ocorrer. Diz ele:

Não nos iludamos: a tradição africana não corta a vida em fatias e raramente o “Conhecedor” é um “especialista”. Na maioria das vezes, é um “generalizador”. Por exemplo, um mesmo velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas ou más de cada planta), mas também a “ciência das terras” (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a “ciência das águas”, astronomia, cosmogonia, psicologia, etc. Trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática.

Além de guardião da memória, dos relatos que ele ouviu de várias gerações e transmitiu, o tradicionalista é, também, considerado tanto o arquivista de fatos passados transmitidos pela tradição como, também, de fatos contemporâneos. E, por essa razão, era muito conhecido e venerado e sua respeitabilidade era de uma grandeza que muitas pessoas vinham de longe para recorrer ao seu conhecimento e sabedoria.

Há outra advertência tratada por Hampaté Bâ, que merece destaque, pois está associada diretamente com a proposta pedagógica da ONG Grãos de Luz e Griô. Diz ele: “dentro de 10 ou 15 anos, os últimos grandes Doma, os últimos anciãos herdeiros dos vários ramos da Tradição provavelmente terão desaparecido. Se não nos apressarmos em reunir seus testemunhos e ensinamentos, todo o patrimônio cultural e espiritual de um povo cairá no esquecimento juntamente com eles” (idem, p. 189).

O alerta anunciado por Hampaté Bâ é uma inspiração àqueles e àquelas que desejam trabalhar com uma proposta pedagógica em que procura valorizar o testemunho dos mais velhos, seus conhecimentos herdados e que podem ser esquecidos e perdidos, comprometendo a cultura local. Possivelmente por essa razão, foi que uma frase de sua autoria se tornou célebre e é repetida e valorizada por todas as pessoas que pesquisam as tradições orais: “na África, cada ancião que morre, é uma biblioteca que se queima” (HAMPATÉ BÂ, 2003) e é por esse motivo que a África é considerada um continente em que a tradição oral é uma grande escola.

Considero que se, em outras partes do mundo, a África fosse mais conhecida em todos os seus aspectos, a tradição oral seria mais valorizada e praticada. Em um país como o Brasil, com um grande número de pessoas que representa a população negra, por exemplo, é importante se conhecer com maior aprofundamento a tradição oral africana e, para isso, é necessário recorrermos aos pensadores africanos, ou seja, às fontes primárias, pois na tradição oral o narrador, o griô, o tradicionalista doma é aquele que fala a partir da experiência, de quem experimentou.

Por isso, percebo que, à medida que a narrativa oral passa a ser valorizada, damos à oralidade o mesmo grau de importância estabelecido pela escrita e, assim, elas ficam em um mesmo patamar. A veracidade do adágio popular: “vale o que está escrito”, cede lugar à efemeridade da palavra falada e esse, a meu ver, deverá ser mais um papel do griô, à moda brasileira: recuperar a valorização da tradição oral e não permitir que as tradições caiam no esquecimento.

E desse modo, com os griôs africanos e sua tradição oral, apontei seus principais significados e que, de alguma maneira, inspiraram a ONG Grãos de Luz e Griô na elaboração e execução de seus projetos pedagógicos que envolvem, desde as práticas pedagógicas desenvolvidas nas oficinas e cooperativas do próprio espaço educativo, ao trabalho com as escolas do município de Lençóis em suas respectivas comunidades.

Passarei a realizar, na próxima seção, algumas considerações a respeito do griô brasileiro, o griô inventado pelos coordenadores da ONG, a partir de inspirações do griô africano e que foi fabricado, desmanchado, reinventado, pulverizado.

Dessa forma, veremos que na ONG o griô assumirá outros papéis além de contador de histórias. Ele passará a assumir responsabilidades administrativas junto ao governo municipal e federal, ou seja, o griô se dobra e ganha o poder de uma formação discursiva em que se produziria como um “generalizador”. Pelas relações de poder instituídas no movimento pedagógico da ONG, espai-se como conhecedor e sistematizador dos saberes autênticos do lugar. Desse modo, insisto, o griô não é tão-somente o contador de histórias passeante pelos caminhos das comunidades lençoenses, mas, principalmente, aquele que se multiplica em diferentes papéis, assumindo diversas ações não só no espaço educativo da ONG, mas em outras instâncias administrativas da cidade de Lençóis e, a partir delas, alcança vários lugares, saindo de Lençóis e atingindo outras cidades brasileiras.

A performatividade do griô: uma invenção pedagógica

Lençóis é uma cidade que possui um passado histórico marcado pela extração de garimpo de diamantes e, nas últimas décadas, tem sido visitada por turistas, do Brasil e exterior, que vêm para a cidade desfrutar da exuberância paisagística representada por montanhas, rios, cachoeiras e uma imensa diversidade da fauna e da flora.

Lençóis é, também, uma cidade de grande riqueza cultural, possuindo 25 monumentos, construídos no século XIX e manifestações culturais como a festa do Senhor do Bonfim; Senhor dos Passos; Semana Santa; Sagrado Coração de Jesus; Festa de Santo Antonio, São João, São Pedro; Jarê; Festa de Nossa Senhora da Conceição e a comemoração do aniversário do município. Algumas dessas manifestações foram, aos poucos, desaparecendo e outras se mantêm com grandes dificuldades (BRITO, 2005).

Procurei tecer esses comentários, principalmente pelo fato de ter lido e escutado nos discursos que fizeram parte de minha investigação, que a cultura em Lençóis estava caindo no esquecimento e que muitos velhos desta cidade, que ainda hoje estão vivos, possuem os saberes que podem recuperar essa cultura. Esse foi, inclusive, o mote para que a ONG Grãos de Luz e Griô pudesse elaborar projetos educativos e, inspirados nos griôs africanos, esta instituição entende que pode contribuir na recuperação da cultura local.

Como já comentei anteriormente, a invenção de um personagem inspirado no griô africano foi a maneira performática que a ONG encontrou para chegar até as escolas e comunidades de Lençóis. A partir das caminhadas o velho griô se aproximava das pessoas, aprendia várias histórias da cultura local e as retransmitia para as outras comunidades por onde passava. Essa era a performance teatral ou do espetáculo que a ONG promovia.

Encontrei, porém, uma outra maneira de compreender o termo performance/performatividade, quando entrei em contato com a obra de Homi Bhabha (2003). Nela, a performance é considerada um espaço de alteridade na arte e, desse modo, o performático ocupa um lugar de subjetivação, em que o caráter político é ressaltado. Desse modo, a performance passa a ser portadora de um forte caráter político diante da sua capacidade de criar formas de intervenção social e simbólica.

A partir das análises que produzi dos enunciados de professores e alunos, nas entrevistas realizadas, constatei que muitas pessoas na cidade

de Lençóis, atualmente, possuem um outro olhar acerca da cultura local. Ela não é mais vista de uma forma menor, simplificada e, dessa maneira, ela ganha uma performatividade. Considero que a atuação do velho griô nas comunidades, como contador de histórias, é uma maneira de atuar politicamente, pois naquele momento de atuação, a contação de histórias e a política coexistem na figura daquele velho, no *entre*, e esse *entre-lugar* requer ainda um deslocamento da atenção do político como prática pedagógica, ideológica, da política como necessidade vital no cotidiano – a política como performatividade (BHABHA, 2003).

O argumento que desenvolvi na pesquisa e que adensei neste texto permite-me, nestas considerações finais, afirmar que em virtude da inserção das práticas pedagógicas desenvolvidas nas oficinas e cooperativas com crianças e jovens, a Grãos de Luz e Griô cria uma pedagogia e a nomeia de griô. Desse modo, é o griô que surge e inventa uma pedagogia.

Percebi que a cidade de Lençóis passa a ser marcada não apenas por dois fatores como a extração de diamantes e pelo turismo, geralmente abordados em várias pesquisas. Defendo de que há um terceiro fator que é a *presença do griô*, daquele que guarda saberes da cultura local e os transmite às novas gerações. A cidade de Lençóis passa a ter uma nova referência com a inserção do griô e isto confere a diferença neste lugar, pois este personagem e até mesmo aqueles velhos da cidade, que a ONG também nomeia de griôs, apostam na tradição oral em pleno século XXI.

Referências

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2a reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

BRITO, Francisco Emanuel Matos. *Os Ecossistemas Contraditórios do Turismo na Chapada Diamantina*. Salvador: EDUFBA, 2005.

BUJES, Maria Isabel E. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer Pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine

La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. *Amkoullel, o menino fula*. Tradução: Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Pallas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

HAMPATÉ BÂ. Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História Geral da África*. Tradução: Beatriz Turquettju *et al.* São Paulo: Ática, 1982.

MATOS, Gislayne Avelar. *A Palavra do Contador de Histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

INFORMAÇÕES AOS COLABORADORES

1. **ENSINO EM RE-VISTA** é um Periódico científico dirigido a pesquisadores, professores e estudantes da área da Educação. Divulga artigos que versam sobre resultados de pesquisas e ensaios originais. Divulga resenhas de livros (últimos dois anos) e traduções. Anualmente, publica um dossiê temático, organizado por pesquisadores da área-tema, trazendo artigos de especialistas convidados – brasileiros e estrangeiros – e abarcando assuntos de interesse e discussão atuais de diversas áreas da Educação.
2. Os textos serão julgados pelos membros do Conselho Editorial que emitirão parecer quanto à publicação, autorizada com a simples remessa dos originais e sem direito a pagamento de direitos autorais.
3. Em textos de autoria coletiva, os autores devem figurar em ordem decrescente de titulação. A revista não se responsabiliza por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos.
4. A revista informará o(s) autor(es) sobre a publicação ou não de seus artigos, sendo que os originais não serão devolvidos.
5. A redação deve primar pela clareza, brevidade e concisão. O material deve vir devidamente revisado pelo autor. Os textos, assinados, são de inteira responsabilidade do autor.
6. A revista permite-se fazer alterações formais no texto visando à editoração final.
7. Eventuais modificações de estrutura ou de conteúdo, sugeridas pelos pareceristas ou pela comissão editorial, só serão incorporadas mediante concordância dos autores.
8. O trabalho pode ser recusado por não se coadunar com a linha editorial e temática da revista.
9. A apresentação dos Artigos deverá seguir a NBR 6022 de agosto 1994 da ABNT (Apresentação de Artigos em publicação periódica).
10. Os artigos devem ter entre 15 e 25 páginas e resenhas, entre 5 e 7 páginas. Artigos e resenhas devem apresentar nome(s) completo(s) do(s) autor(s), vínculo acadêmico e profissional e endereços (físico e eletrônico) completos. Título, resumo (entre 100 e 150 palavras) e palavras-chave (máximo cinco) na língua de origem do texto e em inglês. Trabalhos que exijam publicação de gráficos, quadros e tabelas ou qualquer tipo de ilustração devem apresentar as respectivas legendas, citando fonte completa e sua posi-

ção no texto. Os arquivos devem ser encaminhados no corpo do texto onde se deseja que seja editado.

11. O texto deve ser digitado em software compatível com o ambiente (word for windows). A fonte usada para o texto deve ser Time New Roman, tamanho 12, com espaçamento 1,5. Notas de rodapé, de caráter explicativo, deverão ser evitadas e utilizadas apenas quando estritamente necessárias para compreensão do texto.
12. A revista recebe textos em qualquer época do ano escritos em português, inglês, espanhol ou francês.
13. As citações bibliográficas deverão ser de acordo com a NBR 10520 (jul/2001) da ABNT.

EXEMPLOS:

- citação direta: "... (FREITAS, 2002, P.61)
 - citação indireta: Romanelli (1996, p. 27) consideram...
 - citação de citação: Ausubel (1977, apud SILVEIRA et al, 2002, p. 139) afirma...
 - havendo mais de uma referência do mesmo autor no mesmo ano, usar a, b, c, imediatamente após a data (FREIRE, 1996b: 132)
 - havendo mais de dois autores, mencionar o primeiro seguido da expressão "et alli"
14. As referências deverão ser de acordo com a NBR 6023 (agos/2000) da ABNT.

EXEMPLOS:

LIVRO:

CICILLINI, G. A.; NOGUEIRA, S. V. (Org.). *Educação escolar*: políticas, saberes e práticas escolares. Uberlândia: EDUFU, 2002.

ARTIGO:

BOLDRIN, L. C. F. Cultura, Sociedade e Currículo – dimensões sócio-culturais do currículo. *Ensino em Re-Vista*, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 7-25, jul. 1999/jun. 2000.

TESE:

MARQUES, Mara Rúbia A. *Um fino tecido de muitos fios... mudança social e reforma educacional em Minas Gerais*. 2000. 247 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Gestão da Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

15. O material para submissão deverá ser enviado para: ensinoemrevista@gmail.com